

Revista da Extensão

Nov 2017 / N° 15

ISSN 2238-0167

Entrevista com

Fernando Delfino de Freitas Fuão

A UFRGS no Projeto Rondon

Laboratório de empreendedorismo na UFRGS: despertando o interesse dos alunos pela cultura empreendedora

As ações de Extensão Universitária na Escola de Governo da Fundação João Pinheiro: avanços e desafios

Sistema de gestão ambiental no SENGE-RS utilizando a ferramenta desenvolvida na UFRGS

Mais dança na escola: apreciação estética e formação

Grupo Viveiros Comunitários: 20 anos em prol da biodiversidade

Resgatando o Patrimônio Musical de Diamantina

Projeto integrado de conscientização infantil nos âmbitos da alimentação, higiene e sustentabilidade

DESTAQUE DO SALÃO DE EXTENSÃO UFRGS 2016

Jogos teatrais e Viewpoints em uma escola municipal de Porto Alegre: a experiência do projeto de extensão Teatro e dança com alunos surdos IV

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul


UFRGS
PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO





Grupo Viveiros Comunitários: 20 anos em prol da biodiversidade

Paulo Brack: Instituto de Biociências – UFRGS

Acadêmicas em Biologia: Carolina Costa Alff, Luana Pereira de Souza e Natasha Nonemacher Magni

Viveiro Bruno Irgang: uma proposta de viveirismo comunitário e ecológico

O Grupo Viveiros Comunitários (GVC) é um projeto de extensão que atua em práticas integradas à pesquisa, à educação ambiental e ao intercâmbio de saberes com diferentes comunidades

tradicionais, rurais e urbanas. A iniciativa surgiu em 1997, tendo sido iniciada por estudantes e professores do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, envolvendo muitos participantes e colaboradores ao longo dos seus 20 anos de história. As atividades exercidas pelo grupo envolvem temas relativos à agrobiodiversidade, à produção

de mudas nativas da flora regional e à promoção do viveirismo comunitário.

O trabalho do GVC teve início com um pequeno viveiro, na proximidade da antiga sede do Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências, do curso de Ciências Biológicas da UFRGS, que na época se localizava no Campus do Centro. A partir de 1999, foram iniciados projetos em parceria com escolas públicas, e também com a Reserva Biológica do Lami (RBL), desenvolvidos na porção do extremo sul de Porto Alegre (COLOMBO, 2012). Atualmente, o GVC conta com um espaço, o Viveiro Bruno Irgang (VBI), localizado no Instituto de Biociências (IB), no Campus do Vale da UFRGS. O VBI cultiva a memória de um importante professor e botânico, ligado às causas da flora nativa do RS e às origens

do viveiro, homenageado ainda em vida.

O GVC, problematiza o que Vandana Shiva denomina de "Monoculturas da Mente" (SHIVA, 2003), desde o espaço do campo até a realidade de afastamento da natureza vivido nas cidades, inclusive nas universidades. Como instrumento prático, busca resgatar espécies de plantas estratégicas – raras e/ou ameaçadas, subutilizadas, não-convencionais ou desconhecidas – assim como a utilização das plantas nativas. Este resgate constitui também a base de práticas emancipatórias e de autonomia, ligadas predominantemente à agroecologia e aos Sistemas Agroflorestais (SAF). Para tanto, a manutenção do VBI e as relações estabelecidas com outros grupos e pessoas vinculados à temática agroecológica permitem a constituição de um espaço de aprendizado e



Figura 2 - Espaço atual do Viveiro Bruno Irgang.
Fonte: Arquivo GVC

experimentação, o que também chamamos de “Laboratório Vivo”.

Na experiência do GVC, a prática do viveirismo é atrelada à importância da manutenção da biodiversidade, priorizando espécies e variedades da flora regional para fins de conservação, especialmente *ex situ* (fora da natureza) e *on farm* (em sistemas de produção). Além disso, conta com uma gestão coletiva, horizontal, através da socialização do que é produzido, sem visar à obtenção de lucro. Em geral, as mudas produzidas são destinadas a comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, a produtores agroecológicos e escolas. Destaca-se a importância dos vínculos entre as comunidades demandantes e o GVC. Dessa forma, o VBI constitui um viveiro não convencional, que atende à sociobiodiversidade,

opondo-se ao viveiro comercial, por estar alinhado com uma proposta ecológica e de base essencialmente comunitária.

O desafio da multifuncionalidade

O GVC atua em diferentes frentes na temática ambiental, tendo o VBI como espaço-chave no desenvolvimento de diferentes projetos. Dentre as atividades promovidas pelo grupo, destacam-se: Ocupações Verdes (OV), plantios em propriedades de comunidades tradicionais, rurais, escolares e em ambiente urbano; oficinas de educação ambiental para estudantes do ensino básico; oficinas e cursos teórico-práticos de Botânica, explorando um viés de identificação das plantas, com foco nas arbóreas nativas e,



Figura 3 - Estudantes do ensino básico em visita ao Viveiro Bruno Irgang.
Fonte: Arquivo GVC

mais recentemente, nas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), (BRACK, 2016); e palestras e debates acerca de políticas públicas em biodiversidade. O GVC também participa de feiras, encontros científicos e eventos diversos, principalmente inseridos na temática da agroecologia, divulgando a flora nativa e a importância do viveirismo como ferramenta de educação ambiental, visando à autonomia e à conservação da biodiversidade.

Além do trabalho voltado ao público, o VBI, internamente, constitui uma base de aprendizado para os vários integrantes do Grupo Viveiros Comunitários, desde a sua construção. É realizado o manejo diário do espaço e das mudas, um trabalho incessante e apaixonado, cujos frutos

nem sempre são perceptíveis em curto prazo. O desafio, para além da gestão do espaço físico, vem do caráter multifuncional e dinâmico do grupo, que abrange não apenas as práticas viveiristas, mas, também, as áreas da conservação da biodiversidade, da educação ambiental, da pesquisa científica, das políticas públicas e do desenvolvimento rural. Um viveiro comunitário e ecológico é um eixo de saberes formado por inúmeras pessoas e pleno de potencialidades.

Viveiros como guardiões da biodiversidade ou da agrobiodiversidade

A partir do I Encontro de Viveiros do Rio Grande do Sul, realizado pelo GVC em parceria com o



Figura 4 - Banca do Grupo Viveiros Comunitários na tradicional Feira dos Agricultores Ecologistas, de Porto Alegre.
Fonte: Arquivo GVC

Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (INGA, 2004), foram constatadas dificuldades comuns entre os viveiros estaduais, sendo uma delas a falta de apoio por parte do sistema público, no que tange ao incentivo à produção de mudas de espécies nativas. Ainda hoje, faz-se necessária a implementação de políticas públicas que contemplem a biodiversidade regional e local, com especial atenção para a manutenção de bancos de germoplasma de espécies raras, endêmicas e ameaçadas. Infelizmente, consideramos dramática a falta de produção de plantas nativas em um Estado que possui mais de 4500 espécies de plantas vasculares, inclusive aquelas que poderiam estar inseridas nos sistemas produtivos, já que 99% da produção de mudas de árvores ou de qualquer outro tipo de planta é baseado em plantas exóticas.

Um viveiro como estratégia de conservação *ex situ*, pode e deve ter seus grupos de viveiristas reconhecidos como guardiões da biodiversidade ou da agrobiodiversidade. A produção de espécies ameaçadas é uma das prioridades como forma de enfrentamento do processo de extinção biológica, consistindo num incremento populacional no campo, incluindo sistemas produtivos agroecológicos (conservação *on farm*). De certa forma,

como exemplo, destacamos a produção de mudas de butiá (*Butia spp.*), palmeira-juçara (*Euterpe edulis*) e araucária (*Araucaria angustifolia*), espécies de imensa importância ecológica, muito simbólicas no Rio Grande do Sul, e que vêm tendo seu potencial funcional sistêmico cada vez mais reconhecido.

Como metas futuras, desde curto até longo prazo, tem-se a publicação e a divulgação de materiais, como a Cartilha das PANC (KELEN *et al.*, 2015), a formação e o aperfeiçoamento de uma rede de guardiões da biodiversidade, que inclua diferentes instituições e comunidades de cunho agroecológico, a ponto de promover o intercâmbio de conhecimentos e propágulos. A produção de mudas deve estar integrada com atividades educacionais, de pesquisa e de divulgação da biodiversidade e da agrobiodiversidade. ◀

Referências

BRACK, Paulo. **Plantas Alimentícias Não Convencionais**. *Revista Agriculturas Experiências em Agroecologia*. Rio de Janeiro. AS-PTA Agricultura Familiar e agroecologia. v. 13- n. 2, p. 4-5. Julho. 2016. Disponível em : http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Agriculturas_V13N2-Editor-Convidado.pdf.

COLOMBO, C.D.M. **Contribuições do Grupo Viveiros Comunitários na Formação Inicial de Estudantes de Ciências Biológicas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

INGÁ. **Relato do Encontro de Viveiros de Plantas Nativas do Rio Grande do Sul**. 2004. Disponível em: http://www.inga.org.br/docs/Encontro_Viveiros_Plantas_Nativas.pdf

KELEN, M. et al. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): hortaliças espontâneas e nativas**. Ed. UFRGS: Porto Alegre. 2015.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. 2003.